
Foucault at the French Court of Princess Marie Bonaparte

Foucault na corte francesa da Princesa Marie Bonaparte

Received: 2023-06-30 | Accepted: 2023-07-01 | Published: 2023-07-04

Sarug Dagir Ribeiro

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8251-6710>

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

E-mail: sarug.dagir@uft.edu.br

ABSTRACT

It proposes to invoke Foucauldian postulates around knowledge/power regimes in parallel with the analysis of a manuscript by Princess Marie Bonaparte, in which the author fights against the repression of child masturbation. His proposal for educational reform proposes changes in the Puritan view of masturbation. In this direction of reasoning, from the Foucauldian perspective, we can make a new appreciation of Bonaparte's ideas based on the de-repression of sexuality, especially childhood. The results give her manifesto the status of a political-pedagogical system that stands against the normalization of sexuality as much as queer theories and other critical perspectives on the devices of knowledge-power-control of subjectivities extensively permeated by sexual diversity.

Keywords: Masturbation; Queer; Repression; Sexuality.

RESUMO

Propõe-se invocar os postulados foucaultianos em torno dos regimes de saber/poder em paralelo à análise de um manuscrito da princesa Marie Bonaparte, em que a autora luta contra a repressão à masturbação infantil. Sua proposta de reforma educativa propõe mudanças na visão puritana sobre a masturbação. Nessa direção de raciocínio, a partir da perspectiva foucaultiana, podemos fazer uma nova apreciação das ideias bonaparteanas fundamentadas na desrepressão da sexualidade, em especial a infantil. Os resultados dão ao seu manifesto um *status* de sistema político-pedagógico que se coloca contra a normalização da sexualidade tanto quanto as teorias *queers* e demais perspectivas críticas aos dispositivos de saber-poder-controle das subjetividades extensamente perpassadas pela diversidade sexual.

Palavras-chave: Masturbation; Queer; Repression; Sexuality.

INTRODUÇÃO

A problematização dos atravessamentos pedagógicos normativos que perpassam as normas impostas para os gêneros e as sexualidades em nossa sociedade e inclusive em nossas escolas (MAIA, 2009; LOURO, 2009) tem gerado muitos desafios e debates em torno dos processos sociais de invisibilidade e violência que são acometidas contra crianças e adolescentes que escapam às prerrogativas de normalização da sexualidade e do gênero em nossa sociedade.

Todos nós somos verdadeiros “sobreviventes das tecnologias sociais que buscam enquadrar cada um em uma identidade, adequar cada corpo a um único gênero” (MISKOLCI, 2012, p. 11-12). A educação funciona como uma espécie de dispositivo que faz cada um de nós a sermos dirigidos para a heteronormatividade¹ compulsória. O termo dispositivo aparece na obra de Michel Foucault nos anos 1970 e inicialmente veio a designar os operadores materiais do poder. Portanto, um dispositivo é “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões filosóficas, filantrópicas e morais” (FOUCAULT, 1988, p. 138). Dentre os diversos dispositivos analisados pelo autor, o Dispositivo de Sexualidade tem como razão de ser penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada com vista a controlar as populações de modo cada vez mais global. Ou seja, todo dispositivo envolve uma situação estratégica complexa que se consolida utilizando técnicas e procedimentos discursivos e não discursivos de saber e poder, instaurando o controle sobre os corpos, produzindo verdades sobre seus processos de subjetivação.

O dispositivo de sexualidade permitiu um enorme avanço ideológico nos controles sociais na região das perversidades (histerização do corpo da mulher; pedagogização do sexo da criança; socialização das condutas de procriação; psiquiatrização do prazer perverso) (FOUCAULT, 1975). Mas que também possibilitou a constituição de discursos de reação, os quais fazem parte: os movimentos feministas, os movimentos da homocultura, o movimento negro, dentre outros. Nesse sentido, para Foucault (1988) a psicanálise faz parte do Dispositivo de Dexualidade, contudo, do meu ponto de vista aquilo que Freud nomeou de sexualidade perverso polimorfa na criança (FREUD, 1905/1980a) significa que a sexualidade tal como se apresenta na criança é algo que foge a qualquer regra de normatização imposta pela sociedade. Assim, há algo de revolucionário no pensamento freudiano que escapa ao Dispositivo de Dexualidade.

¹ Heteronormatividade é o termo utilizado para descrever a norma segundo a qual os seres humanos se dividem em duas categorias distintas e complementares: o macho (homem) e a fêmea (mulher). Nesta perspectiva, as relações sexuais normais seriam somente entre pessoas de sexos diferentes e cada sexo teria certos papéis naturais na vida (HEILBORN, ARAÚJO & BARRETO, 2010, p. 27). Esta é considerada a única orientação sexual normal e ideal, a qual subjaz a história invisível de violências dirigidas contra aqueles indivíduos que fogem a esse ideal.

Então, seguindo a linha de pesquisa da história das ideias psicanalíticas propomos investigar o texto de Marie Bonaparte intitulado *De la prophylaxie infantile des névroses* (1930/1951), escrito numa época em que o meio psicanalítico era formado quase que majoritariamente por homens brancos e médicos (ROUDINESCO, 2009). E também a sociedade possuía regras rígidas de controle e repressão contra à sexualidade das mulheres e os homossexuais eram seus párias (SEIXAS, 1998). O resgate do texto bonaparteano é de crucial importância porque por um lado podemos mostrar historicamente como a luta contra a repressão à sexualidade infantil já estava presente nos primeiros escritos da psicanálise e como a proposta educativa bonaparteana vem propor mudanças na visão vitoriana em que a masturbação infantil deveria ser reprimida.

Cabe lembrar ao leitor que nessa época a criança onanista estava na mesma linha de transgressão que o monstro sexual e o incorrigível (FOUCAULT, 1975). Nessa direção de raciocínio, podemos fazer um paralelo do conteúdo normativo ao onanista com o que em nossos dias acontece com os indivíduos abjetos² (BUTLER, 2003; 1993) ou as crianças e adolescentes que sofrem severa punição por não aceitarem se deixar moldar pelas demandas educacionais heteronormativas (PERES, 2009; BUTLER, 2011; BENTO, 2011). Desse modo, tenho a hipótese de que a proposta político-pedagógica bonaparteana é desordeira. Mas, o que isso quer dizer? Significa tomá-la como uma proposta teórica *pré-queer*. Assim, é necessário lembrar que as origens históricas da teoria *queer* remetem à década de 1980, e caracteriza-se por um conjunto de reflexões que se inserem no “cenário aberto pelos novos movimentos sociais surgidos duas décadas antes, sobretudo o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos, o movimento feminista e o movimento homossexual” (MISKOLCI, 2012, p. 13). Esses movimentos ganham força e visibilidade e além de passarem a demandar direitos também passam a influenciar na produção do conhecimento e, sobretudo, na produção acadêmica (ADELMAN, 2009). Obviamente Marie Bonaparte (1882-1962) viveu numa época onde ainda não se concebia as teorias *queer*, do modo como as entendemos hoje (MISKOLCI, 2014; 2012 ; LOURO, 2014; ANDRADE, 2015; BENTO, 2014; PRECIADO, 2011; BUTLER, 1993; 2003; 2006), o estruturalismo estava se consolidando e o chamado giro lingüístico nas chamadas Ciências Humanas (FOUCAULT, 1984; IÑIGUEZ, 2005) estava se fortalecendo. Sabemos que o pensamento bonaparteano se posicionou contra o giro lingüístico e a subsequente influência que este passa a ter sobre a psicanálise. Sabemos que fora Jacques Lacan, o seu arqui-rival (BERTIN, 1989; ROUDINESCO, 1994), que abraçou os estudos da lingüística, principalmente

² Aqui tomamos o termo abjeto por referir-se ao paradigma de gênero utilizado por Butler (2003; 1993) que não é nem masculino e nem feminino, mas algo que se encontra além dos gêneros compreensíveis, ou seja, são gêneros não-inteligíveis. Então, quando nos referimos ao abjeto, estamos reportando aos indivíduos que assumem gêneros não-inteligíveis. Geralmente são sujeitos vítimas das mais cruéis violências.

os realizados por Saussure e Jakobson, na sua re-leitura dos textos freudianos que culminou com a invenção da chamada psicanálise lacaniana (FOUCAULT, 1999), que ainda hoje exerce forte influência na psicanálise contemporânea. Por outro lado, a aposta da princesa Marie em termos de maior importância e credibilidade científica foi depositada nas Ciências Naturais como a biologia e a fisiologia (AMOUROUX, 2012; LEBOVICI, 1983), para ela a psicologia era um braço da biologia. Desse modo, nosso esforço e mérito é pensar sobre os postulados político-pedagógicos do texto de Marie Bonaparte (1930/1951) e encontrar nele premissas que possam ser pensadas numa perspectiva foucaultiana, ou ainda, que possa se congregar às outras ponderações sobre o cenário da educação contemporânea que se alinham as conjecturas *queer* em que o aprendizado passa necessariamente pelas diferenças sexuais, de identidade de gênero, de orientações sexuais, etc., (ANDRADE, 2015; BENTO, 2014; LOURO, 2014; BEZERRA JÚNIOR, 1989). Nessa direção esse ensaio está subdividido nas seguintes partes:

Na primeira parte iremos retomar alguns pressupostos psicanalíticos sobre a sexualidade infantil e o desenvolvimento psicosexual nas fases oral, anal e genital. Iremos mostrar como essas fases funcionam e se relacionam, bem como quais são as expressões da sexualidade da criança que preocupavam os educadores na época em que o texto de Bonaparte foi escrito, quer sejam: a masturbação e a agressividade. Assim, veremos como a masturbação era vigiada e suscitava inúmeras preocupações por parte dos educadores.

Na segunda parte iremos expor os pressupostos da reforma educativa de Bonaparte (1930/1951), em que a autora propõe a desrepressão da masturbação, denotando-a de crucial importância para o desenvolvimento da criança. Entenderemos como ela preconiza as primeiras masturbações na primeira infância, relacionadas às primeiras sensações de prazer. Para a psicanálise a criança, por sua vez, está sujeita às cenas de sedução ora presentes nos cuidados maternos de higiene corporal, nomeada de sedução materna e que mais tarde Laplanche (1992) irá afiançar a chamada teoria da sedução generalizada, condição vivida originariamente pelos bebês na total sujeição aos cuidados dos adultos cuidadores, os quais implantam na criança mensagens comprometidas com a sua sexualidade inconsciente. Essas seduções do adulto geralmente são inconscientes, mas podem também serem conscientes e intencionalmente dirigidas às diferentes partes do corpo da criança. A descoberta por parte da criança da chamada cena primária, situação em que ela testemunha o coito dos adultos ou dos pais, é considerada como uma cena de sedução que estimula a curiosidade sexual infantil e alimentam as fantasias masturbatórias na fase edípica (BONAPARTE, 1949/1967; LANOUZIÈRE, 1991), e irá ter um papel formador para a sexualidade.

Na terceira parte iremos ampliar os horizontes da proposta da reforma educativa de Bonaparte (1930/1951) numa perspectiva teórica da política dos anormais (PRECIADO, 2011). Isso implica em demonstrar que as discussões teóricas e clínicas bonaparteanas se relacionam com os avanços do quadro da teoria *queer* e dos direitos humanos na sociedade contemporânea,

que viabiliza mecanismos políticos para romper com as normatizações sexistas, homofóbicas e racistas, em que muitas prerrogativas pedagógicas estão imersas em nossos dias. À sua própria maneira, a princesa Marie esteve comprometida com a desrepressão da homossexualidade, das travestilidades e de todas as formas desviantes de identidade de gênero e sexualidade. Seu manuscrito soa como o arauto do respeito à diversidade afetivo-sexual tanto no espaço da escola como na sociedade em geral, sem os assombros das denúncias de maus tratos (PERES, 2009). Nosso olhar mira numa pedagogia da desrepressão às manifestações da sexualidade em geral.

A SEXUALIDADE INFANTIL E SUA REPRESSÃO

Sabemos que o inconsciente de cada um de nós é cheio de traços primitivos ou arcaicos derivados dos complexos primordiais vividos na primeira infância, como o Complexo de Édipo e o Complexo de Castração (FREUD, 1915/1980e; 1923/1980f; 1924/1976a; 1940[1938]/1996a). Na infância a agressividade e a pulsão sexual estão submetidas a todo tipo de intimidação moral e repressão por parte do adulto que educa. Por sua vez, essas sanções são mais ou menos efetivas nos seus propósitos se elas estiverem baseadas no controle das nossas impulsões de agressão e de destruição. Então, desviá-los para objetivos sublimatórios em prol do viver em comunidade (FREUD, 1930[1929]/1976f; HOBBS, 2000). Desse modo, estamos assujeitados à educação que recebemos desde a nossa mais tenra idade, o que irá determinar nossos traumas, nossas neuroses, fixações perversas ou mesmo nossa psicose futura quando adultos.

A psicanálise veio nos mostrar que desde bebê temos sexualidade (FREUD, 1905/1980a), fato que gerou muito espanto e desassossego para pais e educadores, que na época em que o pai da psicanálise publicou seus *Três ensaios sobre a sexualidade*, acreditavam numa infância casta, pura e inocente, sem nada de sexual. Então, o pensamento freudiano mudou nossa maneira de encarar a infância, possibilitou-nos constatar a existência de uma sexualidade infantil. Para isso basta mencionarmos a masturbação infantil cujo fenômeno é universal e também a incansável curiosidade das crianças pelos assuntos relacionados ao mundo dos adultos, como por exemplo o nascimento dos bebês, curiosidades que as fazem criar suas próprias teorias sexuais infantis (FREUD, 1908/1980b). Nesse sentido, é imaginado que a fecundação é oral ou que nascemos por meio de um tipo de cloaca, sem falar nas diversas confabulações da cegonha que geralmente partem de histórias contadas pelos adultos, dentre outras.

Assim, quão complexa é a evolução que a sexualidade da criança deve percorrer para chegar à sexualidade acabada do adulto que um dia se tornará. Essa evolução é explicada pelas teorias psicanalíticas, em que o bebê, desde seu nascimento, nutre-se ao seio da mãe e dessa primeira atividade por encontrar o seio, segurá-lo e sugá-lo, há a imensa alegria de satisfação com o leite quente que escorre por sua pequena boca. É desse modo que a pequena criança aprende a dissociar dois tipos de prazeres, um relacionado à alimentação (saciedade da fome) e outro ligado

à satisfação de sugar o dedo ou o bico (prazer de uma outra ordem, não mais da ordem da autopreservação pela alimentação, mas da ordem sexual). Segundo Laplanche (1970/1985), essas satisfações são de essências diferentes, uma fisiológica relacionada à sobrevivência, de onde a outra encontra apoio (*étayage*) para a segunda que é sexual ou erótica. Na realidade, o bebê busca o prazer “tomando qualquer parte do corpo [...] como sendo sua erogeneidade. [...] como uma característica geral de todos os órgãos” (FREUD, 1914/1976c, p. 100). Essa tese freudiana possibilita-nos entender dentre várias coisas a abrangência que o domínio da sexualidade perversa polimorfa do bebê pode tomar, que por fim, engloba o erotismo de todo o seu pequeno corpo. É por isso que o bebê sente prazer em sugar os dedos do seu pé ou da mão, ou ainda, de qualquer outra parte de seu corpo que ele possa tocar e explorar.

Há nessa busca de satisfação, do encontro do bebê com o seio da mãe, para se alimentar e para sugar, um trabalho motor, conhecida como motricidade pulsional ou motricidade na relação de objeto. Entendamos por relação de objeto como sendo aquelas relações estabelecidas na primeira infância entre o bebê e o seio da mãe, o primeiro objeto parcial. Essas expressões motoras do recém-nascido com a mãe (primeiro objeto total) são todas aquelas expressões coordenadas como pequenos gestos, a postura (hipertonia e hipotonia), a mímica e a ação vocal, e também outros movimentos motores não coordenados, que não precisam nenhum gesto ou ato, ou seja, as contraturas involuntárias de natureza ínfima. Segundo Marty e Fain (1955), as diversas expressões motoras do bebê na sua relação de objeto continuarão a desempenhar um papel ativo durante toda a vida, até a maturidade e velhice. “A evolução da motricidade de um indivíduo pode ser considerada como essencial para a formação de sua personalidade, ao ponto que as expressões motoras da primeira infância na relação de objeto se encontram no adulto”³ (MARTY & FAIN, 1955, p. 208, tradução minha). Podemos perceber que a motricidade inicial da qual os autores estão se referindo, só faz sentido porque essa motricidade inicial estava permeada de afeto (bons ou ruins) e, por conseguinte, fará parte da constituição da personalidade do indivíduo. Dessa maneira, o adulto guarda em seu corpo as marcas da sua evolução passada relacionada aos movimentos de atividade motora primária, quer seja quando bebê indo de encontro ao seio da sua mãe (fase oral), quer seja quando começa a controlar seu esfíncter anal e inicia-se o desenvolvimento dos movimentos necessários para que manipule suas próprias fezes (fase anal).

Além do aspecto motor, descrito anteriormente, é também transmitido ao bebê ao ser cuidado pelo adulto, mensagens conscientes e inconscientes (de amor, ódio, raiva, dentre outros) que vão aos poucos colonizando seu corpo com afeto. Segundo Laplanche (1992/2008), essas mensagens podem ser via *implantação*, que são aquelas mensagens que ocorrem corriqueiramente

³ “...l’*évolution de la motricité d’un individu peut être considérée comme un noyau essentiel de la formation de sa personnalité, au point que les expressions motrices que l’on retrouve dans la relation d’objet de l’adulte ne constituent qu’une faible partie de ce en quoi la motricité est impliquée dans cette relation*” (MARTY & FAIN, 1955, p. 208).

e que passarão por algum processo de tradução por parte do bebê ou via *intromissão*, que são aquelas mensagens de cunho enigmático e que muitas vezes permanecem no inconsciente como restos não metabolizados e não traduzidos. Esses jogos de mensagens são seduções que partem do outro e marcam o bebê de maneira traumática, ou seja, ele é traumatizado pela sexualidade do adulto, o autor nomeia por teoria da sedução generalizada (LAPLANCHE, 1992). Jean Laplanche opõe-se a noção de sedução restrita, acidental ou conjectural, a qual aparece nos textos freudianos, que inicialmente explicava a gênese da neurose na rememoração por parte das histéricas dos episódios ou cenas de sedução sofridas realmente durante a infância. A teoria laplancheana vem ampliar a noção de sedução reconhecendo que os inelutáveis encontros do bebê com a mãe e ou o pai ou o cuidador (o mundo dos adultos) que estão, por sua vez, permeados de sexualidade e seguindo modalidades diferentes de mensagens a ele endereçadas, *implantação* e *intromissão*, vão enchendo o seu corpo de materiais discursivos e não-discursivos, que estão comprometidos com a própria constituição psíquica do adulto. Essas mensagens possuem um efeito traumático no bebê por causa da sua imaturidade na organização psíquica que é incapaz de tratar o excesso de excitação. Esses excessos traumáticos serão esquecidos e farão parte do seu inconsciente pelo efeito do recalçamento originário. A teoria da sedução generalizada não se confunde com uma generalização ou uma banalização da sedução (dos abusos sexuais na infância), mas, trata-se de uma teoria das estruturas do aparelho psíquico, ou seja, de uma teoria do sujeito em psicanálise.

Em suma, com o desenvolvimento do bebê vai ocorrendo à formação das representações mentais, as quais darão sentido a algumas das mensagens a ele endereçadas (*implantações*) com base nas informações recebidas do ambiente, seu meio social mais próximo (tios, tias, avós, primos, vizinhos, dentre outros). Serão esses valores e crenças que lhe fornecerão o sentido do que é ser homem ou mulher, e, então será capaz da introjeção e ou identificação com o objeto⁴. Já as mensagens designadas *intromissões*, de cunho mais traumático, permanecerão sem tradução e também constituirão parte do seu inconsciente. É importante lembrar que todos esses fenômenos acontecem nos chamados período oral, período anal e período genital do desenvolvimento da sexualidade infantil e lhe asseguram que o seu aparelho psíquico esboce sua possibilidade de existência (FREUD, 1926[1925]/1976d; 1940[1938]/1996c). Assim, no esquema laplancheano corresponde à direção do vetor (centrípeto), o sexual que vem de fora, do outro, “a mensagem do outro, sexual-pré-sexual, enigmática, é como implantada realmente no corpo”⁵ (LAPLANCHE, 1999, p. 35, tradução minha) e também recíprocos, pois a criança também seduz o adulto, basta que o bebê na fase anal do desenvolvimento ofereça as suas próprias fezes como um presente ou

⁴ Isso gerará em termos da formação do aparelho psíquico o ideal do eu e eu ideal e todo o processo da identificação. Sugerimos para o leitor que deseje aprofundar nesse assunto a leitura do texto de Sigmund Freud (1914/1980c; 1921/1976e; 1924/1976a).

⁵ “le message de l’autre, sexuel-présexuel, énigmatique, est comme implanté réellement dans corps” (LAPLANCHE, 1999, p. 35).

ainda induza o outro a tocar no seu órgão genital que mesmo ainda imaturo em termos de maturação das gônadas sexuais, já apresenta ereção.

No quesito repressão à sexualidade infantil, o texto bonaparteano vem nos mostrar que ela se apresenta diferente para meninos e meninas, inicialmente ocorre à atitude do adulto de intimidar o menino que toca seu pênis, com a ameaça de cortá-lo ou de que o órgão simplesmente irá cair, o que em termos freudianos chamamos de ameaça de castração (FREUD, 1924/1976a). O menino ao conhecer a diferença anatômica entre os sexos e ao vê a ausência de pênis na menina, teme que a ameaça se realize e um grande medo toma enorme impacto na sua formação psíquica (FREUD, 1924/1976b). Sabemos que o Complexo de Castração que ocorre quase que ao mesmo tempo que o Complexo de Édipo o levará a internalizar essa proibição com a constituição do seu superEu, instância da tópica psíquica responsável pela regulação moral do indivíduo, instância herdeira da repressão representada pela figura do pai ou de um outro adulto que interdita a criança do acesso ilimitado à mãe. Sabemos que essa ameaça de castração também tem influência na interdição cultural do incesto. Sigmund Freud desenvolveu um famoso ensaio (FREUD, 1913[1912-13]/ 1980d) em que desvenda a organização da horda primitiva, em que havia um Pai todo poderoso, o único macho que tinha acesso ao prazer sexual com todas as mulheres. Esse Pai da horda primitiva ameaçava castrar todo aquele que desobedecesse à regra de interdição aos corpos femininos. Portanto, os demais homens não deveriam se relacionar sexualmente com as mulheres. Então, um dia os filhos e irmãos se juntam para matá-lo. A morte do pai leva o grupo ao luto e a eleger um Totem como substituto do Pai morto, funcionando a partir de então como organizador social.

Por sua vez, para a menina, ao perceber a sua diferença anatômica com relação ao órgão viril do menino, os efeitos serão outros, produzirá o sentimento de inferioridade e inveja do pênis (FREUD, 1931/1996a; 1933[1932]/1996b)⁶. Entretanto, para ambos os sexos, a repressão era certa, principalmente na época vitoriana. Bonaparte (1930/1951) argumenta que a repressão tinha como meta o combate à masturbação infantil, seja essa realizada pelo pênis (no menino) ou pelo clitóris (na menina).

Nas primeiras décadas do século XX muitas das crenças do século XIX ainda eram vigentes, como a de que “a masturbação é causadora de sérias perturbações físicas e mentais [...] leva à redução da inteligência, alucinações noturnas e tendências suicidas e homicidas. Nos colégios, inventam-se métodos para manter as mãos das crianças longe dos genitais” (SEIXAS, 1998, p.74). A masturbação era considerada o protótipo do pecado, do qual se deve esperar todo sentimento de culpa. O masturbador era uma espécie de monstro, e o combate ao onanista e a vigilância quanto à sexualidade infantil se desenrolam por todas as partes da sociedade

⁶ Nós não vamos discutir as críticas que as teóricas feministas lançaram sobre a psicanálise com relação a sexualidade feminina e a suposta inveja do pênis, por extrapolar nossos propósitos, mas indicamos a leitura dos seguintes textos de Lisa Appignanesi e John Forrester (2011a; 2011b).

(FOUCAULT, 1975). As ameaças dos educadores e o peso da repressão à sexualidade foram no século XIX e início do século XX muito violentas. De algum modo, guardadas as devidas proporções e distâncias históricas, podemos comparar a criança que se masturba da época de Marie Bonaparte com o onanista de Foucault (1975), ou ainda, os indivíduos abjetos (gêneros não-inteligíveis) de nossos dias. Esses últimos, na nossa cultura, sofrem forte repressão conjugadas com as mais cruéis violências e violação dos direitos humanos (PERES, 2009; LOURO, 2009). Portanto, “é necessário refletir sobre gênero porque essa categoria gera teorias, gera visões de mundo, e conseqüentemente, gera sofrimentos por parte daqueles que tentam se enquadrar nos gêneros inteligíveis” (PORCHAT, 2014, p. 80). Por mais que o movimento feminista, o movimento homossexual e as teorias *queer* tenham buscado desencadear uma transformação na sociedade no intuito de inclusão dos sujeitos abjetos e de toda a diversidade que abarca a sopa de letrinhas da sigla LGBTQIA+, ainda encontramos com muita freqüência ações pedagógicas de repressão e violência, em que políticas públicas como o *Parecer n. 052/2008* (CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO/BH, 2009) que versa sobre a inclusão do nome social de travestis e transexuais nos registros escolares nas escolas da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, acabam sendo ineficazes quando promovem a manutenção do binarismo identitário. Afinal, “o dispositivo nome (social) revelou que, por si só, não garante a inclusão de estudantes travestis e transexuais na escola” (ALVES, 2017, p. 245). Dessa maneira, a reforma educativa de Marie Bonaparte nos inspira a ter um novo olhar frente a repressão ainda vigente em nossa sociedade contras pessoas LGBTQIA+ .

AS PROPOSIÇÕES DA REFORMA EDUCATIVA DE MARIE BONAPARTE

No contexto social e cultural em que o texto de Bonaparte (1930/1951) foi escrito o grande mal do mundo civilizado, em termos da saúde psíquica da população, era a neurose. Nessa seara a psicanálise surgiu como tratamento ou profilaxia da neurose e acabou descobrindo que a mesma abrangia todos os domínios da sexualidade. A psicanálise veio nos mostrar que os homens sofrem da repressão a sua pulsão sexual (FREUD, 1930[1929]/1976f) e sob a pressão dos seus educadores que a criança aprende a frear seus desejos, colocando outras metas como propósitos de realização da pulsão, ou seja, sublimando-a em objetivos sociais, artísticos ou intelectuais. Para Bonaparte (1930/1951) os educadores não deveriam temer o espírito revolucionário da psicanálise, ao invés de conservadoramente conspirarem contra ela, estigmatizando-a de perigosa e “chamando-a de educação sexual” (p.161, tradução minha)⁷. Vale lembrar que nessa época ainda não havia no currículo uma disciplina nomeada de educação sexual (BUTELMAN, 1998), portanto, essa expressão soava como um xingamento contra a psicanálise. Os educadores estavam

⁷ “ils appellent l’éducation sexuelle” (p.161).

mais propensos a acreditavam em podiam prevenir a juventude dos perigos da sexualidade do que fomentar uma educação sexual nas suas escolas. Assim, condenavam em absoluto toda instrução sexual para crianças, colocando-as à aura de virtude e castidade, e, portanto, deveriam ser protegidas de todos os vícios. É nesse sentido que a masturbação era o mal maior a ser reprimido, contudo, aprendemos com o texto bonaparteano que uma das premissas da sua reforma educativa é justamente o contrário, ou seja, “libertar a pulsão sexual, que constitui uma parte da herança da humanidade” (BONAPARTE, 1951/1930, p. 163, tradução minha)⁸, retirando-a das advertências e das restrições de ordem negativa. Ou seja, há uma espécie de razão foucaultiano em suas palavras que significava que tudo é questão de graus de poder. De acordo com Foucault (1995), para as relações de poder não temos instrumento de trabalho. O único recurso que temos são os modos de pensar o poder com base nos modelos legais, isto é, o que legitima o poder através do antagonismo das estratégias. Por exemplo: para descobrir o que significa, na nossa sociedade, a sanidade, talvez, devêssemos investigar o que ocorre no campo da insanidade. Quanto aos efeitos de poder relacionados ao saber, devemos questionar a maneira pela qual o saber circula e funciona, suas relações com o poder, *régime du savoir* (regimes de saber).

O poder não é da ordem do consentimento, o consentimento pode ser uma condição para que a relação de poder exista e se mantenha. Uma relação de poder não é uma relação de violência, pois esta fecha todas as possibilidades. Uma relação de poder se articula sobre dois elementos que lhe são indispensáveis: o outro (aquele sobre o qual ela se exerce) e o campo de respostas, reações, efeitos e invenções possíveis. “O exercício do poder consiste em conduzir condutas e em ordenar a probabilidade. ...designa a maneira de dirigir a conduta dos indivíduos ou grupos: governo das crianças, das almas, das famílias, das comunidades.” (FOUCAULT, 1995, p.244). Em suma, existem três tipos de lutas: contra as formas de dominação (étnica, social e religiosa); contra as formas de exploração que separam os indivíduos daquilo que eles produzem; e contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo, contra a submissão da subjetividade. Um dos objetivos de Foucault em suas pesquisas foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os indivíduos tornam-se sujeitos. Segundo o autor, seriam por alguns modos de objetivações, sejam elas: a objetivação do sujeito do discurso na *grammaire générale*, na filologia e na lingüística; do sujeito produtivo, que trabalha, na análise das riquezas e na economia; do sujeito na história natural, na biologia; do sujeito nas ‘práticas divisoras’, o sujeito dividido em seu interior e em relação aos outros. Este processo objetiva o sujeito, por exemplo, o louco e o são, o doente e o sadio, os criminosos e os bons meninos. E também a objetivação pelo modo pelo qual um ser humano torna-se sujeito no domínio da sexualidade, como os homens aprenderam a se reconhecer como sujeitos de sexualidade.

⁸ “libérer l’instinct sexuel, qui constitue une partie de l’héritage de l’humanité” (BONAPARTE, 1930/1951, p. 163).

Assim, adentramos nas indicações de Bonaparte (1930/1951) relativas à influência das seduções, responsáveis por despertar precocemente a sexualidade da criança. A autora distingue três grandes tipos de agentes de sedução: a sedução maternal, a sedução pelos adultos e a sedução pelos pares. Brevemente, temos o seguinte entendimento: a sedução materna está relacionada aos cuidados com a higiene do bebê e é de natureza involuntária ou inconsciente. Nos cuidados com a *toilette* as carícias são provedoras essenciais de excitações sexuais na criança, pois, ela é “lavada, limpada, acariciada” (BONAPARTE, 1949/1967, p. 117, tradução minha)⁹. Já a sedução pelos adultos é aquela sedução considerada sedução sexual propriamente dita, de natureza intencional, que provoca a excitação direta das partes do corpo da criança, geralmente provocada por adultos pedófilos. E é também nesse tipo de sedução que a autora localiza aquelas seduções provocadas pela visão e audição, por parte da criança, de cenas sexuais entre adultos ou da visão do coito entre sua mãe e seu pai, ou animais domésticos, isso significa que a criança é testemunha de cenas sexuais reais, chamada de cena primária (BONAPARTE, 1952c). Então, é despertado na criança, além das confabulações de suas teorias sexuais infantis (FREUD, 1908/1980b), sua tendência inata a masturbação, que na fase fálica ou genital está repleta de fantasias edípicas, que na teoria freudiana clássica, o menino deseja se deitar com a mãe e rivaliza com o pai e a menina abandona a mãe como objeto de amor, disputando-a com ela o amor pelo pai, de quem espera um dia ter um filho, como uma forma de compensação da falta anatômica do pênis (FREUD, 1924/1976b;1931/1996a;1933[1932]/1996b). Mas, ela percebe que seu pai ama sua mãe e uma grande decepção amorosa lhe acomete, marcando seu psiquismo de maneira inequívoca.

Na manifestação da sedução pelos pares, os postulados bonaparteanos refere-se aos jogos sexuais entre crianças ou entre irmãos de mesma idade ou idades próximas, geralmente as crianças imitam os jogos sexuais dos adultos e se masturbam ou evoluem para o coito completo¹⁰. Em suma, para o pensamento bonaparteano a sexualidade reside na articulação de três fenômenos preparatórios: a sedução, a masturbação e os devaneios edipianos. E será paralelamente ao tema da sedução, que a autora restaura a imagem da masturbação que era então estigmatizada pelos educadores de sua época, como já mencionado anteriormente. Na perspectiva bonaparteana a masturbação é uma etapa necessária do desenvolvimento libidinal da criança, preparando-a para a sexualidade adulta, que de acordo com a análise do tema por Lanouzière (1991) é um tipo de autosedução, qualificada de sedução por si mesmo, que está relacionada ao índice de vitalidade e saúde mental e física da criança.

O sadismo dos educadores na repressão à masturbação infantil é ponto crucial na reforma educativa bonaparteana, porque segundo a autora é justamente “uma ocasião onde o sadismo dos educadores não devem jamais se exercer: é na repressão a masturbação infantil” (BONAPARTE,

⁹ “lavé, soigné, caressé” (BONAPARTE, 1949/1967, p. 117).

¹⁰ Indicamos ao leitor que queira aprofundar na reflexão sobre o tema da sedução na obra de Sigmund Freud e Marie Bonaparte a leitura do livro de Jacqueline Lanouzière (1991, p.123-153).

1930/1951, p. 165, tradução minha)¹¹. Os argumentos de Bonaparte (1930/1951) sinalizam que essa proibição brutal por parte dos educadores sufoca a sexualidade em sua plena floração, cujas consequências vão desde uma neurose, passando pelos onanistas rebeldes, até a conservação na idade adulta de fixações excessivas a um modo de satisfação libidinal perversa da sexualidade, como os casos extremos de sadismo ou masoquismo. E os casos se tornam mais graves clinicamente quando essas ameaças e interdições, geralmente geradoras de muita angústia (BONAPARTE, 1952b; FREUD, 1926[1925]/1976d), ocorrem no segundo período da masturbação infantil, aquele onde o ato de se masturbar é acompanhado pelas fantasias inconscientes e pré-conscientes recorrentes na fase edipiana (FREUD, 1924/1976a). Desse modo, uma educação menos repressora à sexualidade infantil funcionaria, do ponto de vista bonaparteano, como uma profilaxia às neuroses.

A autora sabe que é ilusória acreditar que é possível deixar a sexualidade seguir seu curso sem nenhum tipo de interdição e que não é possível suprimir todas as pessoas acometidas de neuroses no mundo civilizado, mas “se pode pelo menos suavizar ou diminuir a frequência e a intensidade” (BONAPARTE, 1951/1930, p. 169, tradução minha)¹². Em suma, a reforma educativa bonaparteana além de apostar no papel curativo e preventivo da psicanálise de crianças por meio da desrepressão da sexualidade, a autora também explica no texto como as modalidades de evolução da sexualidade infantil organizam a saúde ou o adoecimento físico e psíquico no adulto. E por fim, acreditamos que a autora mais que esperar que “uma educação razoável permita um bom funcionamento sexual e felizes sublimações” (LEBOVICI, 1983, p. 1088, tradução minha)¹³, seus conselhos educativos abrem reflexões para outras perspectivas de desrepressão das manifestações das sexualidades em geral.

Na sessão seguinte proponho apresentar possíveis contribuições da reforma educativa bonaparteana para a teoria *queer*. Nossa aposta é que seus postulados nos auxiliem a pensar numa sociedade menos repressora quanto à diversidade sexual e de gênero.

CONTRIBUIÇÕES DA REFORMA EDUCATIVA PARA A TEORIA *QUEER*

É importante esclarecer primeiro, o que são as teorias *queers*? Cito-as no plural porque atualmente há o reconhecimento de diversos matizes. Não pretendo esgotar as possibilidades de entendimento, pois, hoje em dia, temos em todo mundo uma diversidade de revistas científicas especializadas sobre o tema. Contudo, considero modesto e singular a breve compreensão de

¹¹ “une occasion où le sadisme des éducateurs ne devrait jamais s’exercer: c’est dans la répression de la masturbation infantile” (BONAPARTE, 1930/1951, p. 165).

¹² “on peut du moins tendre à en diminuer la fréquence et l’intensité” (BONAPARTE, 1930/1951a, p. 169).

¹³ “une éducation raisonnable permettrait un bon fonctionnement sexuel et d’heureuses sublimations” (LEBOVICI, 1983, p. 1088).

Spargo (1999) que diz: “o termo *queer* pode funcionar como um nome, um adjetivo ou um verbo, mas em cada caso é definido contra o normal ou a normalização” (p. 8-9, tradução minha)¹⁴. Portanto, a quem considere as teorias *queers* um quadro conceitual e metodológico próprio, ou uma coleção de compromissos intelectuais com as relações entre o sexo, o gênero e o desejo sexual. Em certa medida, o termo *queer* “descreve uma ampla gama de práticas e prioridades críticas: leituras da representação do desejo e do sexo em textos literários, filmes, música, imagens, dentre outras” (SPARGO, 1999, p. 9, tradução minha)¹⁵, desse modo o que propomos é enxergar a proposta bonaparteana de des-repressão da masturbação enquanto proposição político-pedagógica contra a normalização. E, em certa medida, o que está no fundo dessa reforma é o questionamento das relações de poder (social e político) na educação, em especial ao tema da sexualidade nas escolas.

Os postulados da reforma educativa bonapartenana possuem o compromisso intelectual com relação ao desejo sexual, pois como vimos na seção anterior, para a criança a primeira fase da masturbação é mais exploratória, mas na fase edipiana seus atos masturbatórios estão relacionados aos devaneios do seu desejo. Isso significa que os vários significados da cena primitiva, da cena do coito dos pais testemunhada pela criança, possuem várias modalidades de significações (BONAPARTE, 1952c) e modelarão a psicosexualidade e a psicossociabilidade dos sujeitos. Afinal, há as mais variadas formas de se ser uma mulher, e, por vezes, “um homem sempre poderá reaparecer” (BONAPARTE, 1952a, p. 314, tradução minha)¹⁶, ou, vice-versa. Assim, a princesa luta contra a normatização, pois, quando ela se concentra na masturbação infantil, ela está convencida da importância dos acontecimentos centrais da primeira infância que são responsáveis por nossa personalidade adulta.

Hoje em dia nos parece útil retomar o pensamento bonaparteana com o propósito de refletir sobre o desrespeito cotidiano às crianças desviadas (abjeto) ou ainda a constante repressão aos meninos afeminados nas escolas (CORNEJO, 2012), aquelas crianças que fogem dos atravessamentos pedagógicos e normativos de corpos de meninos (homens) e de meninas (mulheres). Consideremos, guardadas as devidas proporções, que a luta contra a repressão à masturbação infantil na reforma bonaparteana, estimula-nos às diversas ações de enfrentamento às violações de direitos humanos que atingem pessoas por causa de sua orientação sexual ou identidade de gênero¹⁷. Sabemos dos *Princípios de Yogyakarta* (BRASIL, s/d) e de sua aplicação

¹⁴ “queer can function as a noun, an adjective or a verb, but in each case is defined against the normal or normalizing” (p. 8-9).

¹⁵ “The term describes a diverse range of critical practices and priorities: readings of the representation of same-sex desire in literary texts, films, music, images” (SPARGO, 1999, p. 9).

¹⁶ Tradução nossa de: “un homme toujours pourra ressurgir” (BONAPARTE, 1952a, p. 314).

¹⁷ Entende-se por orientação sexual a referência à capacidade de cada pessoa de ter uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou mais de um gênero, assim como ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas. Entende-se por identidade de gênero a profundamente sentida experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não

como Legislação Internacional de Direitos Humanos e que o Brasil é signatário desses Princípios. Por outro lado, o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos - PNEDH (BRASIL, 2010) e as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos - DNEDH (BRASIL, 2012), visam à conscientização para o respeito à dignidade humana, o respeito ao outro em sua diferença e da sua dignidade (BRASIL, 2006). Para o PNEDH é fundamental que a Educação em Direitos Humanos proporcione uma reflexão sobre valores, atitudes e práticas sociais relacionados à cultura dos direitos humanos, como base para uma consciência cidadã. Entretanto, passado já alguns anos da aprovação do PNEDH, as escolas ainda vivem um processo lento e permeado de dilemas e conflitos sobre como desenvolver a Educação em Direitos Humanos (ALVES, 2017; BENTO, 2011; LOURO, 2009). Propõe-se que os direitos humanos sejam uma temática transversal abordada por todas as disciplinas, em sua diversidade de conteúdo e métodos. Os conteúdos deixariam de ser a principal finalidade da educação para se tornarem instrumentos de trabalho relacionados a questões relevantes da vida dos educandos.

Nessa conjectura consideramos as proposições político-pedagógicas de Bonaparte (1930/1951) um projeto epistemológico que além de estar encarregado de dar liberdade aos sujeitos que fogem às normas, seu texto também está carregado de “ação social, cultural e política” (LEBOVICI, 1983, p. 1091, tradução minha)¹⁸. Mas, mesmo num modelo de educação e organização de currículo em que os educandos tenham “um poder maior de decisão sobre as diversas dimensões da pedagogia (ritmo, tempo, espaço) o controle não está ausente” (SILVA, 2014, p. 73). Na realidade nessa situação outros mecanismos de controle, às vezes mais sutis, estão agindo e sendo eficazes. O que Foucault (1979) chama de microfísica do poder. O texto da reforma educativa bonaparteana é um texto de resistência à moral burguesa de sua época, nesse sentido possui valor político-teórico inestimável, pois “tanto a educação quanto a cultura em geral estão envolvidos em processos de transformação da identidade e da subjetividade” (SILVA, 2014, p. 139). Bonaparte (1930/1951) propõe uma mudança de cultura ao demonstrar o valor psicológico da masturbação e as consequências devastadoras da sua repressão para a subjetividade das crianças. Acreditamos que suas ideias nos servem de inspiração na cena social e cultural contemporânea, permeada pela perspectiva das teorias *queer* que, por sua vez, estão implicadas na produção de novas identidades e novas subjetividades, novas lutas constantes por legitimidades e menos repressão.

À GUIA DE CONCLUSÃO

corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meio médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos (BRASIL, s/d., p.6).

¹⁸ “action social, culturelle e politique” (LEBOVICI, 1983, p. 1091).

A reforma educativa bonaparteana nos permite entender a repressão da sexualidade para muito além de seu sentido tradicional, apontando seus efeitos psicológicos nefastos. Somos o que somos, homens, mulheres, travestis, transexuais ou mesmo um sujeito com gênero não-inteligível, isso porque herdamos todas as marcas indelévels da relação com nossos pais, educadores ou mesmo defloradores. Foucault (1988) tempos depois do texto da princesa Marie veio nos mostrar que o sexo e a verdade sobre a sexualidade têm um papel decisivo na reprodução da estrutura de classes da sociedade capitalista.

Concluo essa pesquisa afirmando que um olhar foucaultiano sobre o texto bonaparteano da reforma educativa ampliou e, ao mesmo tempo, modificou aquilo que explicitamente o texto enfatiza. Os processos de repressão da sexualidade são como uma rede produtiva que perpassa toda a sociedade, indo além de uma instância negativa que tem por objetivo apenas punir. Compactuamos com a ideia de Foucault (1979) que diz:

Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso (p.8).

E é com essa ideia que imaginamos Foucault na corte francesa da Princesa Marie Bonaparte. Se entendermos o pensamento bonaparteano como sendo a performance de uma mulher intelectual, original e arrojada, então podemos situar seu trabalho em pontos precisos da vida cotidiana e com isso sua reforma educativa de desrepressão da masturbação ganha uma abrangência muito mais ampla. Seu trabalho é hoje arma para os intelectuais dos nossos tempos, nas lutas sociais que estamos envolvidos seja contra o racismo estrutural, a lgbtfobia ou a desigualdade social e a fome.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. *A voz e a escuta: encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea*. Curitiba: Blucher, 2009.

ALVES, Cláudio Eduardo Resende. *Nome sui generis: o nome (social) como dispositivo de identificação de gênero*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

AMOUREUX, Rémy. *Marie Bonaparte: entre biologie et freudisme*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2012.

ANDRADE, Luma Nogueira. *Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.

APPIGNANNESI, Lisa; FORRESTER, John. O debate sobre a mulher. In: APPIGNANNESI, Lisa; FORRESTER, John. *As mulheres de Freud*. Tradução de Nana Vaz de Castro e Sofia Maria de Sousa Silva. Rio de Janeiro: Record, 2011a, p.619-652.

APPIGNANNESI, Lisa; FORRESTER, John. Feminismo e Psicanálise. In: APPIGNANNESI, Lisa; FORRESTER, John. *As mulheres de Freud*. Tradução de Nana Vaz de Castro e Sofia Maria de Sousa Silva. Rio de Janeiro: Record, 2011b, p.653-678.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz diferença. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, mai.-ago. 2011.

BENTO, Berenice. Queer o que? Ativismo e estudos transviados. *Revista Cult*, São Paulo: Bregantini, n. 193, ano 17, p. 23-25, ago. 2014.

BERTIN, Célia. *A última Bonaparte*. Tradução de R. Meneguello. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

BEZERRA JÚNIOR, Benilton. Subjetividade moderna e o campo da psicanálise. In Birman, Joel (Org.) *Freud: 50 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1989.

BONAPARTE, Marie. De la prophylaxie infantile des névroses. In: BONAPARTE, Marie. *Introduction a la théorie des instincts. De la prophylaxie infantile des névroses*. Paris: Presses Universitaires de France, 1951. p138-181. (Obra original de 1930).

BONAPARTE, Marie. Quelques lueurs projetées par la psychanalyse et l'ethnographie sur la sociologie, *Revue Française de Psychanalyse*, v.16, n.03, p. 313-318, 1952a.

BONAPARTE, Marie. De l'angoisse devant la sexualité. In: BONAPARTE, Marie. *Psychanalyse et Biologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952b. p. 20-25.

BONAPARTE, Marie. Notes sur la découverte analytique d'une scène primitive. In: BONAPARTE, Marie. *Psychanalyse et Biologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952c. p. 146-152.

BONAPARTE, Marie. *Sexualité de la femme*. 10/18 Paris: Presses Universitaires de France, 1967. (Obra original de 1949)

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. *Princípios de Yogyakarta*. Brasília, Programa Brasil Sem Homofobia, s/d.

BRASIL. Comitê Nacional de educação em direitos Humanos. Plano Nacional de Educação em direitos Humanos (PNDH-3). Rev. e atual. Brasília, Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Brasília, Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, 2012.

BUTELMAN, Ida et al. *Teorias e práticas em educação : pensando as instituições*. Porto Alegre : Artmed, 1998.

BUTLER, Judith. Vida precária. *Contemporânea*, São Carlos, n. 1, p. 13-31, jan.-jun. 2011.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero : feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. *Bodies that matter: on the discursive limits of sex*. New York : Routledge, 1993.

CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO/BH. Secretaria Municipal de Educação. Poder Executivo. *Parecer CME/BH n. 052/2008*. Ano XV. Edição n. 3386, 2009.

CORNEJO, Giancarlo. A guerra declarada contra o menino afeminado. In: MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: uma aprendizagem pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica: Universidade Federal de Ouro Preto, 2012. p. 69-78. (Série Cadernos da Diversidade, 6).

FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 1975.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Org. e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. As ciências humanas. In: FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1984. p. 361-404.

FOUCAULT, Michel. Lacan, o “Libertador” da Psicanálise. In: FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Tradução de Vera Lúcia A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999, p.298-299. (Ditos e escritos; 1).

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 1:A vontade de saber. Tradução de Marie T.C.Albuquerque e J.A.Guilhon Albuquerque. 13ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 152 p.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica, para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, Sigmund. *Um caso de histeria, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)*. Direção-geral da tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980a. p. 129-238. (*Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, 07).

FREUD, Sigmund. Sobre as teorias sexuais das crianças (1908). In: FREUD, Sigmund. *Delírios e sonhos na ‘Gradiva’ de Jensen (1907 [1906])*. Direção-geral da tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980b. p. 213-232. (*Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, 09).

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: FREUD, Sigmund. *A história do movimento psicanalítico*. Direção-geral da tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980c. p. 89-120. (*Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, 14).

FREUD, Sigmund. Totem e tabu (1913 [1912-13]). In: FREUD, Sigmund. *Totem e tabu e outros ensaios*. Direção-geral da tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980d. p. 17-192. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13).

FREUD, Sigmund. O Inconsciente (1915). In: FREUD, Sigmund. *A história do movimento psicanalítico*. Direção-geral da tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980e. p. 191-252. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, Sigmund. O ego e o id (1923). In: FREUD, Sigmund. *O ego e o id*. Direção-geral da tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980f. p. 22-90. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: FREUD, Sigmund. *O ego e o id*. Direção-geral da tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976a. p. 217-228. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, Sigmund. Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1924). In: FREUD, Sigmund. *O ego e o id*. Direção-geral da tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976b. p. 303-320. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, Sigmund. O problema econômico do masoquismo (1924). In: FREUD, Sigmund. *O Ego e o Id*. Direção-geral da tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976c. p. 197-212. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, Sigmund. Inibições, sintomas e ansiedade (1926[1925]). In: FREUD, Sigmund. *Um estudo autobiográfico*. Direção-geral da tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976d. p. 95-200. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e análise do Eu. Parte VII: Identificação (1921). In: FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Direção-geral da tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976e. p. 133-139. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

FREUD, Sigmund. O mal estar na civilização (1930 [1929]). In: FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão, o mal estar na civilização e outros trabalhos*. Direção-geral da tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976f. p. 81-178. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

FREUD, Sigmund. Sexualidade feminina (1931). In: FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão, o mal estar na civilização e outros trabalhos*. Direção-geral da tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. p. 254-279. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

FREUD, Sigmund. Conferência XXXIII: Feminilidade (1933[1932]). In: FREUD, Sigmund. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos* (1932-

1936). Direção-geral da tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. p. 139-165. (*Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, 22).

FREUD, S. Parte I: a mente e seu funcionamento. Esboço de psicanálise (1940 [1938]). In: FREUD, Sigmund. *Moisés e o monoteísmo*. Direção-geral da tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. p. 169-198. (*Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, 23).

HEILBORN, Marie Luiza; ARAÚJO, Leila; BARRETO, Andréia (Orgs.). *Gestão de políticas públicas em gênero e raça. – Módulo II: Gênero*. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010.

HOBBS, Thomas. *Do cidadão*. Tradução e apresentação de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

IÑIGUEZ, Lupicínio (Coord.). Capítulo 2: A linguagem nas ciências sociais: fundamentos, conceitos e modelos. In: IÑIGUEZ, Lupicínio. *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Tradução de Vera Lúcia Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 50-104.

LANOUZIÈRE, Jacqueline. *Histoire secrète de la séduction sous le règne de Freud*. Paris : Presses Universitaires de France, 1991.

LAPLANCHE, Jean. *Vida e morte em psicanálise*. Tradução de C. P. B. Mourão e C. F. Santiago. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. (Obra original publicada em 1970).

LAPLANCHE, Jean. Implantation, intromission. In: LAPLANCHE, Jean. *La révolution copernicienne inachevée (Travaux 1967-1992)*. Paris: Presses Universitaires de France, 2008, p. 355-358. (Obra original publicada em 1992).

LAPLANCHE, Jean. *Novos fundamentos para a psicanálise*. Tradução de C. Berliner e E. Brandão trad. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LEBOVICI, Serge. À propos de l'oeuvre scientifique de Marie Bonaparte. *Revue Française de Psychanalyse*, v.47, n.4, 1983. p.1081-1093.

LOURO, Guacira. Lopes. Heteronormatividade e homofobia. In JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.) *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação / Secad, 2009. p.85-94.

LOURO, Guacira. Lopes. O potencial político da teoria queer. *Revista Cult*, São Paulo: Bregantini, n. 193, ano 17, p. 36, ago. 2014.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Sexualidade, deficiência e gênero: reflexões sobre padrões definidores de normalidade. In JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.) *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação / Secad, 2009, p. 265-292.

MARTY, Pierre ; FAIN, Michel. Importance du rôle de la motricité dans la relation d'objet. *Revue. Française de Psychanalyse*, v.19, n.1-2, p. 205-284, 1955.

MISKOLCI, Richard. Crítica à hegemonia heterossexual. *Revista Cult*, São Paulo: Bregantini, n. 193, ano 17, p. 32-35, ago. 2014.

MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica: Universidade Federal de Ouro Preto, 2012. (Série Cadernos da Diversidade, 6).

PERES, Wiliam Siqueira. Cenas de exclusões anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira. In JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.) *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação / Secad, 2009. p.235-264.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos anormais, *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 19, p. 11-20, jan.-abr, 2011.

PORCHAT, Patrícia. *Psicanálise e transexualismo: desconstruindo gênero e patologias com Judith Butler*. Curitiba: Juruá, 2014.

ROUDINESCO, Élisabeth. As primeiras mulheres psicanalistas. In: ROUDINESCO, Élisabeth. *Em defesa da psicanálise: ensaios e entrevistas*. Apresentação de Marco Antônio Coutinho Jorge. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. p. 86-97.

ROUDINESCO, Élisabeth. *Histoires de la psychanalyse en France. 1*. Paris : Fayard, 1994.

SEIXAS, Ana Maria Ramos. *Sexualidade feminina: História, cultura, família*. São Paulo: Editora SENAC, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3 ed; 5. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SPARGO, Tamsin. A queer genealogy. In: APARGO, Tamsin. *Foucault and queer theory*. New York: Totem Brooks, 1999. p. 8-10.